



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

## ***SINDICALISMO DE RESISTÊNCIA, IMPRENSA E EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NA TRAJETÓRIA DE PEDRO AUGUSTO MOTTA***<sup>170</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo se debruça sobre a trajetória militante do anarquista Pedro Augusto Motta, cuja vida é marcada por significativa atuação sociopolítica no Brasil das primeiras décadas do século XX. Ao apresentar algumas das dimensões de sua vida militante, discute-se, de forma articulada, o movimento operário, o anarquismo e a militância libertária, particularmente na cidade de Fortaleza. Analisando a trajetória do personagem em diálogo com as experiências militantes de seu tempo, em um período compreendido entre o ano de 1919 e 1923, este trabalho situa o tipógrafo Pedro Augusto Motta em relação a uma geração de jovens militantes e trabalhadores de ofícios vários, discutindo o *sindicalismo de resistência*, a escrita militante na imprensa anarquista e a educação libertária em sua trajetória.

**Palavras-chave:** Pedro Augusto Motta. Imprensa Libertária. Educação Racional.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo enseja uma apresentação sobre a trajetória do militante Pedro Augusto Motta<sup>171</sup>, gráfico anarquista cuja vida é marcada por significativa atuação sociopolítica no Brasil das primeiras décadas do século XX. O militante teve participação em associações do seu ofício, no movimento operário, em grupos de afinidade e propaganda anarquista e na imprensa de matriz libertária, editando ou escrevendo nos jornais *Voz do Graphico* (CE – 1920-1922), *O Combate* (CE – 1921) e *A Plebe* (SP – 1917-1951). Traço marcante em sua trajetória é o autodidatismo, assim como a defesa da educação racional libertária, tendo os jornais e os livros como bases na sua formação, na propaganda do anarquismo e como ferramenta de educação entre os trabalhadores para sua emancipação.

Ao estudar a trajetória de Pedro Augusto Motta e dimensões de sua vida militante, discute-se de forma articulada o movimento operário, o anarquismo e a militância libertária no início do século XX no Brasil; para os limites deste artigo, o recorte espacial se circunscreve à cidade de Fortaleza, analisando a trajetória do personagem em diálogo com as leituras, práticas

---

<sup>170</sup> Francisco Victor Pereira Braga. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFC. Doutorando em História Social/UFC. E-mail: xvictor\_bmx@hotmail.com

<sup>171</sup> Este trabalho é uma versão condensada de parte da dissertação de mestrado defendida no ano de 2013, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Social/UFC, com título *Pedro Augusto Motta: Militância Libertária e Verbo de Fogo*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2013.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

associativas, embates e experiências militantes de seu tempo, no âmbito das práticas e sociabilidades anarquistas, em um período compreendido entre o ano de 1919 e 1923.

Pedro Augusto Motta nasceu no Ceará. Não sabemos precisamente onde, nem exatamente quando nasceu, no entanto, é provável que tenha sido em Fortaleza, cerca de 1894. Nos Arquivos pesquisados também são inexistentes quaisquer fontes que possibilitem situar o personagem na vida em família, na infância e primeiros anos da juventude ou quanto à vida afetiva. Assim, o estudo ora apresentado se circunscreve à vida militante. Para tal, os principais registros foram colhidos nos jornais operários, nos escritos da lavra de Pedro Augusto Motta na imprensa libertária, nas fontes impressas acerca das ações do movimento operário, nos relatos de companheiros de militância, nas cartas, na poesia, no inventário de leituras que terão animado os grupos de afinidade libertária, em alguns estudos historiográficos e outros documentos do período. Estes vestígios nos dão a conhecer fragmentos da vida do militante libertário – leitor, poeta social, tipógrafo, gráfico, autodidata, editor de jornais operários, conferencista nos modestos salões operários, polemista, participante destacado nas lides associativas comprometidas com a luta e resistência ante a exploração e a opressão.

Pedro Motta desenvolveu intensa atividade militante, nas cidades de Fortaleza e São Paulo. Foi um dos animadores do Partido Socialista Cearense (PSC), fundado no Ceará no ano de 1919; experiência de largo significado em sua formação socialista. Em Fortaleza, no princípio dos anos 1920, difunde no meio operário o sindicalismo revolucionário, em paralelo à ação pela palavra impressa, colaborando na organização dos trabalhadores pela base, destacando-se como um dos principais animadores, senão o mais destacado, de várias experiências organizativas que resultariam na criação de associações de trabalhadores, organizações de ofícios vários e comitês de solidariedade, intensificando o intercâmbio e relações políticas com anarquistas de São Paulo e do Rio de Janeiro e difundindo a palavra impressa como forma de educação entre os trabalhadores. Nessa labuta organizativa, vai afirmando sua escrita de combate como um dos mais ativos “jornalistas da classe” no Ceará, editando o *Voz do Graphico* e *O Combate*. Fruto de sua escrita nas folhas operárias, nos panfletos e convocatórias, nas cartas, se vai lapidando um “Verbo de Fogo”, título de uma brochura que enfeixa sua poesia social.

Pedro Augusto Motta compartilha o pioneirismo na difusão das ideias anarquistas no Ceará nas duas primeiras décadas do século XX. Devido à sua firme atuação, sofreu perseguições dos patrões, da imprensa de cariz católico, do pensamento conservador. Logo, seu nome estaria na “lista negra dos indesejáveis” – expediente comum da repressão patronal. Ao fim dos anos 1920, é



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

improvável conseguir trabalho nas oficinas gráficas de Fortaleza; como retaliação dos patrões-industriais, urgia afastar sua influência e silenciar sua atividade militante. Em meio às dificuldades materiais de sobrevivência e em causa das atividades militantes, migra para São Paulo, no meado de 1923, sendo acolhido pela rede de solidariedade libertária espalhada pelo Brasil, que tinha como destacado ponto de convergência o jornal *A Plebe*, um dos periódicos anarquistas de maior difusão no meio operário do período em várias cidades do país.

Saído de Fortaleza em direção a São Paulo, é recebido pelos camaradas anarquistas do Grupo d'*A Plebe*. Continua sua militância na capital paulista participando do *Centro Libertário Terra Livre*, grupo de afinidade e propaganda libertária, passando a integrar o grupo editor do jornal *A Plebe*, onde logo teria participação destacada. No periódico libertário, escreveu de um tudo – notícias e fatos da luta social, artigos, poemas e colunas. Em sua atividade no grupo redatorial d'*A Plebe*, manteve a coluna “Commentários”, onde sua verve irônica discorre sobre os fatos e notícias de interesse para a militância libertária e o operariado no Brasil. Em São Paulo, mantém ativos os laços de solidariedade e intercâmbio com a militância libertária no Ceará, cuja expressão é a regular correspondência e os acesos embates por impresso com o proselitismo católico em Fortaleza.

Na capital paulista, vistos os fatos da conjuntura e o grau de sua militância anarquista, Pedro Motta é preso, vítima da intensa repressão dos anos 1920, quando, em meio aos fatos decorrentes da Revolta Paulista de 1924, assina com outros trabalhadores libertários um Manifesto de apoio aos militares sediciosos. Trancafiado em São Paulo, em seguida é transferido para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, onde passa alguns meses preso na Polícia Central, junto com outros presos políticos anarquistas. De lá, em maio de 1925, é deportado com centenas de outros “indesejáveis”, seguindo em um navio-prisão para o desterro na Clevelândia do Norte, campo de concentração localizado no Oiapoque, extremo norte do Brasil, na fronteira com a Guiana Francesa.

A trajetória de Pedro Motta, apresentada em traços gerais neste artigo, desde o exame dos registros da memória militante, é forjada pela reconhecida atividade militante sindical e anarquista, e ainda pela perseguição política, levada a efeito pelos potentes por conta de sua postura de rebelde e “indesejável”. Uma militância impulsionada por um profundo sentimento de ódio à tirania e à exploração e, ao mesmo tempo, alimentada pelo amor às ideias novas, donde sedimenta a convicção no anarquismo como ideário de transformação social e o desejo de realizar a utopia de um mundo novo por meio da revolução social. Um itinerário de agitação social, que se nega a ser visto em linha reta ou de um único ângulo. Sua trajetória carrega dimensões da experiência coletiva de seu tempo, desde a luta por melhores condições de vida e trabalho para os



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

homens e mulheres operárias, à crítica ao capitalismo enquanto sistema de dominação social, à construção do movimento operário, à defesa da organização e união dos trabalhadores, à bandeira da educação operária, à propaganda das ideias novas, às batalhas pela revolução social, à poesia radical, ao anúncio do mundo novo que virá, baseado na solidariedade, na igualdade e na liberdade.

As ações e o pensamento de Pedro Augusto Motta desenvolvem-se em diálogo com a experiência militante no período. No associativismo operário ou na imprensa, sua atuação é resultante do esforço de múltiplos sujeitos sociais, e deve ser compreendida como experiência coletiva. O militante é incansável nas associações de trabalhadores das quais participa, bem como nas páginas dos jornais, sendo muitas vezes um de seus principais articuladores. Longe de querer elevá-lo ao posto de herói, “grande homem” ou “liderança” dos trabalhadores, pensamos este personagem da história social dos trabalhadores como um destacado militante entre os demais de sua época; um personagem representativo e ao mesmo tempo singular, em relação àquela geração de militantes.

### ***SINDICALISMO DE RESISTÊNCIA, IMPRENSA E EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NA TRAJETÓRIA DE PEDRO AUGUSTO MOTTA***

No ano de 1920, parte da militância dissidente do recém-criado Partido Socialista Cearense (PSC), entre eles Pedro Augusto Motta, passa a defender um tipo de sindicalismo que se nomeou *sindicalismo de resistência*, em oposição às sociedades beneficentes e de auxílio mútuo. Naquele ano, funda-se a Associação Graphica do Ceará, cujo porta-voz seria o jornal *Voz do Graphico*. A Associação Graphica, pela sua militância e nas páginas do *Voz do Graphico*, faz a propaganda do *sindicalismo de resistência*, em sintonia com a estratégia anarquista para o movimento operário no Brasil, o chamado *sindicalismo revolucionário*, proposta de organização amplamente difundida no Brasil do período, definida nos Congressos Operários Brasileiros de 1906, 1913 e 1920.<sup>172</sup> Ao mesmo tempo em que realizava a luta sindical, dedicava sua disposição militante *no campo da luta jornalística* – como se costumava dizer –, editando jornais para propagar as *novas ideias*. Na construção destes jornais se marca uma corrente inspirada na matriz do

---

<sup>172</sup>As resoluções dos três congressos operários, definidas no congresso de 1906 e em grande parte reafirmadas nos congressos subsequentes de 1913 e 1920, podem ser encontradas em PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael. *A classe operária no Brasil (1889-1930)*. Vol. I e II. São Paulo: Brasiliense, 1977; RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária*. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livre, 1979.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

anarquismo, difundindo ideias e práticas de corte socialista libertário, como se vê no *Voz do Graphico* (Fortaleza/CE – 1920-1922) e *O Combate* (Fortaleza/CE – 1921).<sup>173</sup>

O militante Pedro Motta contribuiu de forma significativa na fundação da Associação Graphica do Ceará (1920), na União Geral dos Trabalhadores Cearenses (1921) e na Federação dos Trabalhadores do Ceará (1921), e ainda União dos Trabalhadores Ambulantes de Fortaleza (1922). Além disso, promove, com outros camaradas, várias ações no meio operário, entre iniciativas de solidariedade no Comitê Pró-Flagelados Russos (1921) e no Grupo Libertário Amigos d'A *Plebe* (1923), quando se inicia a afinidade libertária com o grupo editor do jornal *A Plebe* de São Paulo.

Como atestam os registros da época, são de significado suas ações voltadas para a difusão dos pressupostos da *educação racional* e a lida de propaganda nos salões operários, quando as *leituras comentadas* em forma de conferências vão espalhando os conteúdos das leituras do período, e assim realizando a formação entre os militantes e trabalhadores de vários ofícios. Uma nota publicada no jornal *Voz do Graphico* convida os trabalhadores para uma “Palestra Operária”, a ser proferida pelo “companheiro Pedro A. Motta, com título ‘O Socialismo e as sociedades de resistência ou sindicalistas’.”<sup>174</sup>

Suas ações na imprensa e nos sindicatos de resistência fazem parte de um mesmo projeto: a imprensa alimenta a movimentação social e as ideias correntes, afirmando a perspectiva do sindicato como escola; e a luta alimenta a imprensa, desde a prática e experimentação do pensamento dando substância às ideias defendidas nas páginas dos jornais. Palavra e ação, em sintonia. A pedagogia da militância se faz na luta e no jornal, nas associações, nos *meetings*, na greve, nas conferências.

A Associação Graphica do Ceará e a União Geral dos Trabalhadores Cearenses se formam num contexto de disputa no meio operário do Ceará. De um lado, as *sociedades beneficentes*, modelos de cooperativas de consumo, o Circulismo Católico; de outro, o *sindicalismo de resistência*, que se define pela luta reivindicativa e afinidade com o *sindicalismo revolucionário*.

O primeiro passo no sentido de unir os trabalhadores em uma proposta de associativismo reivindicativo, parece ser a fundação da União Geral dos Trabalhadores Cearenses, em 1º de Maio de 1920, reunindo cerca de trezentos associados. Participam da diretoria João Gonçalves do Nascimento, Raymundo Ramos, Frederico Salles, Manoel Paulino de Moraes. Meses

---

<sup>173</sup>Para conferir a versão integral dos periódicos, em: GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. (Org.). *A Imprensa Libertária no Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000. Pedro Motta também escreveu em outros jornais, como o *Diário do Ceará* e *Ceará Socialista*.

<sup>174</sup>*Voz do Graphico*, Fortaleza/CE, Ano I, Nº 2, 06 de janeiro de 1921.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

depois, outro passo é a fundação da Associação Graphica do Ceará, em 12 de setembro de 1920. Pedro Augusto Motta participa de sua diretoria, ao lado de José Moraes (secretário), Raymundo Bessa (tesoureiro), Francisco Falcão (delegado) e Pedro Ferreira (delegado).

A criação da Associação Graphica caminha no sentido do sindicalismo revolucionário, como se pode observar no *Voz do Graphico* e no esforço de criação da Federação dos Trabalhadores do Ceará, que se propõe a agregar trabalhadores de várias categorias em defesa de um sindicalismo de combate e enfrentamento aos patrões. Tal se constata da leitura de seus estatutos, publicados no jornal *O Combate*, que, ao mesmo tempo, chamam atenção para a necessidade do estudo como parte da luta pela emancipação dos trabalhadores:

CAPÍTULO I

Constituição

Art. 1º – Fica constituída em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, a Federação dos Trabalhadores do Ceará, formada pelas associações operárias organizadas em sindicatos de ofícios e de indústria, ou em ligas operárias ou sindicatos de transportes e ofícios vários, e que reúnam as seguintes condições:

- a) serem compostas exclusivamente de trabalhadores assalariados;
- b) basear-se na **defesa dos interesses operários e resistir à exploração capitalista;**
- c) contar no mínimo vinte associados;
- d) **não tratar de religião, nem política no seu seio;**

[...]

CAPÍTULO II

Fins

Art. 2º – A Federação dos Trabalhadores do Ceará, tem por fim promover o alevantamento moral e intelectual de seus federados, a união dos trabalhadores assalariados, estreitando os seus laços de solidariedade, **estudando e propagando os meios de ação mais práticos para, com força e coesão, reivindicarem os seus direitos, já econômica, já profissional, já moral e socialmente falando, e esforçando-se para sua completa emancipação.** (grifos meus)<sup>175</sup>

De modo geral, o sindicalismo revolucionário<sup>176</sup> defendia a luta pela ação direta, sem a mediação parlamentar, mesmo que de origem operária, e a neutralidade política e religiosa, entendendo-se o sindicato enquanto lugar de luta econômica. Os sindicalistas revolucionários se abstinham de discutir ou deliberar assuntos “políticos” ou religiosos, embora compreendessem a luta também como política, no entanto, em um sentido mais amplo, exterior à esfera parlamentar, à chamada *política burguesa*. Quanto à perspectiva revolucionária, sua expressão se dirige à luta pela emancipação econômica, social e política. Essa emancipação seria fruto da união e organização dos

---

<sup>175</sup>*O Combate*, Fortaleza/CE, Ano I, Nº 2, 26 de junho de 1921.

<sup>176</sup>Para uma definição do conceito de sindicalismo revolucionário, cf: DE JONG, Rudolf. *A A.I.T. de Berlim. De 1922 à Revolução Espanhola*. In: História do Movimento Operário Revolucionário. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004, pp. 271-284; SAMIS, Alexandre. “*Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil*”. In: COLOMBO, Eduardo; *et all*. História do Movimento Operário Revolucionário. Tradução de Plínio Coelho. 1ª ed. São Paulo: Imaginário, 2004; SAMIS, Alexandre. *Anarquismo, “bolchevismo” e a crise do sindicalismo revolucionário*. In: ADDOR, Carlos Augusto e DEMINICIS, Rafael Borges (Organizadores). História do Anarquismo no Brasil – Volume 2. Achiamé: Rio de Janeiro, 2009.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

trabalhadores e adviria da luta pela *Revolução Social*, pelo advento do *Novo Mundo*. Para os anarquistas, a nova sociedade, fundada no máximo de igualdade, liberdade e solidariedade, é a *Anarquia*.

Da leitura do *Voz do Graphico*, destacam-se as relações firmadas entre o núcleo libertário de Fortaleza e alguns camaradas no interior do Ceará, assim como em outras partes do Brasil. Na edição de 11 de dezembro de 1921, uma nota felicita a fundação da escola “Solon de Magalhães”, pela Aliança Artística e Proletária de Quixadá, associação operária fundada naquele ano na cidade de Quixadá.<sup>177</sup> Estudos sobre o período afirmam a afinidade da Aliança com o movimento anarquista, sendo a expressão mais evidente as relações com Pedro Augusto Motta e a Associação Graphica do Ceará. O intercâmbio via conferências, jornais e sessões de propaganda indicam a influência do núcleo libertário de Fortaleza e a atenção dada à educação e à instrução. As afinidades e leituras compartilhadas se verificam quando da escolha do nome da escola noturna da Aliança. Discutido com “vivo interesse” o assunto pelos associados, a primeira sugestão é a de Francisco Ferrer y Guardia, como homenagem à “vida de peregrinação do socialista espanhol [...] que fora fuzilado pelo fato de pregar doutrinas libertárias.”<sup>178</sup>

No *Voz do Graphico*, Pedro Motta explicita a defesa da organização em *sindicatos de resistência* como forma de luta contra a exploração do capitalismo, em lugar das *sociedades beneficentes*, que se restringem à ajuda ao trabalhador em caso de necessidades de doença e morte. A visão do jornal apontava o diagnóstico da *ignorância e falta de consciência* dos trabalhadores enquanto um mal a ser superado na luta social; um dos *principais problemas operários atuais* seria a questão da educação. A crítica ferrenha ao *parlamentarismo*, aos políticos profissionais – inclusive os que têm origem nos meios operários – e à “representatividade” burguesa é outra ideia-força do programa do *Voz do Graphico*. O jornal *O Combate* também recolhe sua matéria no mundo do trabalho, com acento na organização do movimento operário, ou, como defende Pedro Augusto Motta, adotando *um programa mais vasto*, pela *união de vistas* frente às lutas comuns.<sup>179</sup>

A esta imprensa em que atuou o militante Pedro Motta, chamamos de “imprensa libertária”, adotando a sugestão de Adelaide Gonçalves para designar os jornais que se aproximam

<sup>177</sup>*Voz do Graphico*, Fortaleza/CE, Ano I, Nº 15, 11 de dezembro de 1921.

<sup>178</sup>Ata da AAPQ, 13 de novembro de 1921. SILVA, Marcos J. D. *Lapidando a pedra bruta: a Maçonaria na organização de artistas e proletários cearenses*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2000, pp. 94-95.

<sup>179</sup>*O Combate*, Fortaleza/CE, Ano I, Nº 01, 12 de junho de 1921.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

do anarquismo no Ceará.<sup>180</sup> A história dessa imprensa de matriz libertária no Ceará é também a história de Pedro Augusto Motta, como se vê em seu propósito de edição, escrita e difusão das folhas.

No tocante ao seu universo temático, a imprensa em que participa Pedro Motta recobre as dificuldades de organização na luta contra a exploração e a opressão, as condições de vida e trabalho, a carestia da vida, os preços abusivos do aluguel e dos gêneros de primeira necessidade; os motivos, meios e fins da luta dos trabalhadores; entre vários outros temas. Alguns assuntos ganham especial destaque, sendo recorrentes e amplamente discutidos: as *ideias novas* e a *evolução* da sociedade; representatividade, eleições, voto e política; educação, instrução, consciência dos trabalhadores; organização, associativismo, sindicalismo de resistência e sociedades beneficentes; anarquismo, socialismo e comunismo; repressão e perseguição aos trabalhadores que lutam; leis, direitos e conquistas dos trabalhadores; a organização dos trabalhadores em outras partes do Brasil e do mundo; a luta social, a revolução social e o novo mundo, entre outros.

A imprensa libertária do Ceará se constitui num contexto de mudanças socioeconômicas, formação do movimento operário e acompanha a própria constituição de uma imprensa dos trabalhadores no Ceará de modo mais amplo, que tem em sua formação experiências acumuladas desde meados do século XIX, guardando certas relações com o que ocorre no restante do Brasil do período. Em outras partes do Brasil, observa-se a difusão de uma imprensa dos trabalhadores, que assume contornos libertários e se aproxima do ideário anarquista, como um fenômeno predominantemente urbano e comum a várias regiões do país, guardadas as diferenças de cada região e o compasso do tempo dos conflitos e das lutas contra o Capital. A formação da imprensa dos trabalhadores no Brasil se dá nesse período entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, no contexto da industrialização, da constituição de grandes cidades e formação de um operariado urbano.

Para o caso do Ceará, nos periódicos operários é possível percebermos várias dimensões das lutas sociais e a atuação de Pedro Augusto Motta e outros militantes do período. Com o estudo dos jornais operários, podemos ter acesso a informações sobre as condições de vida e trabalho, os problemas cotidianos dos trabalhadores, sua agenda de reivindicações, o intercâmbio de ideias, as leituras, as atividades associativas, entre outras questões do universo sociocultural dos trabalhadores.

---

<sup>180</sup>Os jornais que demarcam esta imprensa de matriz libertária no Ceará são *O Regenerador*, *Voz do Graphico* e *O Combate*. Estes periódicos encontram-se publicados no livro: GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. (org.). *A Imprensa Libertária no Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.





**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

É na imprensa que aparecem boa parte das atividades do militante de Pedro Augusto Motta, que está imerso no universo do trabalho e dos trabalhadores de sua época. Pelos jornais podemos levantar várias informações sobre sua trajetória: conferências que profere, grupos de que faz parte, associações e trabalhadores com quem se relaciona, jornais que lê, livros e autores com os quais tem contato, as ideias que toma como fonte de inspiração e que informam seu pensamento e ação. Aos poucos, pela leitura dos jornais, vamos percebendo como construiu sua militância, além da conformação de um pensamento próprio, do seu modo particular de olhar e agir no movimento operário, fruto de suas leituras, da troca de experiência, do intercâmbio de periódicos. A escrita dos jornais, e a ação de Pedro Augusto Motta e dos núcleos militantes de que faz parte, vão aos poucos apresentando um programa libertário para o movimento operário no Ceará.<sup>181</sup> Pedro Motta é pioneiro nesse sentido, juntamente com um núcleo de militantes articulado em torno da imprensa e das atividades associativas dos trabalhadores no Ceará do período em questão.

Os jornais operários se apresentavam, ao mesmo tempo, como instrumento de formação dos trabalhadores para a luta social e como ferramenta de educação do *novo homem* e da *nova mulher* para a *nova sociedade*. A imprensa de matriz anarquista teve força e expressão significativa nesse sentido, com grande alcance e influência em várias partes do Brasil, em especial no Sul/Sudeste, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, como também influência no Ceará.

Como na imprensa anarquista em geral, a educação é matéria corrente nos jornais da imprensa libertária do Ceará. No *Voz do Graphico* e n' *O Combate*, é constante a preocupação com essa questão, pois:

(...) é preciso que todos nós operários procuremos desde já instruir-nos, sem perda de tempo, a fim de expulsarmos do nosso meio a ignorância reinante, este elemento pernicioso que asfixia a classe trabalhadora e único causador da nossa miséria!<sup>182</sup>

O próprio jornal é uma ferramenta educativa, que apresenta temas do mundo dos trabalhadores, em textos escritos por trabalhadores e para trabalhadores. A partir da leitura de artigos de alguns jornais, de diferentes lugares do Brasil, entre eles o jornal *Voz do Graphico*, *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro/RJ – 1908-1915) e *A Plebe* (São Paulo/SP – 1917-1951), é possível perceber que as notícias eram escolhidas de modo a dar conta do universo dos trabalhadores, de seus sofrimentos, suas reivindicações, das razões da luta. Destaca-se a criação de novas associações e novos jornais. Publicam-se notícias e artigos tratando de outros estados e países, quando se

<sup>181</sup>GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. (org.). *A Imprensa Libertária no Ceará*, p. 48.

<sup>182</sup>*Voz do Graphico*, Fortaleza/CE, Ano I, Nº 7, 12 de março de 1921.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

relacionam ao movimento operário, como em “O nosso dever”, artigo de avaliação da conjuntura e do processo de transformação que vem ocorrendo no mundo no período; ou na notícia “ANATOLE FRANCE E O COMUNISMO – O grande escritor francês acaba de aderir à Terceira Internacional de Moscou”, uma transcrição de excertos do jornal *Correio da Manhã* sobre a adesão do escritor à Terceira Internacional.<sup>183</sup>

Como forma de incentivar a leitura em torno do *sindicalismo revolucionário*, o grupo editor do *Voz do Graphico* difunde excertos na coluna “Biblioteca do Movimento Social Emile Pouget”.<sup>184</sup> Por esta e outras formas, o jornal incentiva à leitura e à difusão de textos e ideias anarquistas, relacionadas ao sindicalismo de resistência. Cumpre destacar, portanto, a relevância dos livros e das leituras radicais na formação de Pedro Augusto Motta e demais companheiros de militância. A par da publicação de periódicos contestadores, essa geração de militantes se (in)forma por meio das edições de livros, folhetos, revistas e outros impressos. Como salienta o gráfico anarquista e editor do jornal *A Plebe* Edgar Leuenroth:

Foi através dessas edições que essa geração formou seu espírito, alimentou seu cérebro, criou uma consciência que mais tarde devia eclodir em movimentos já de âmbito bem desenvolvido, à frente de agitações coletivas [...]185

A partir da leitura das fontes desta pesquisa, se percebe que a trajetória militante de Pedro Augusto Motta enquanto editor dos jornais libertários aqui referidos e como ativo organizador do movimento operário no Ceará, vai definindo suas escolhas doutrinárias e delineando sua adesão ao anarquismo, um dado fundamental para situar sua migração para São Paulo onde continuaria seu percurso militante junto ao grupo editor do jornal *A Plebe*. Na imprensa libertária do Ceará, pelos jornais *Voz do Graphico* e *O Combate*, Pedro Motta desenvolveu por escrito suas ideias e práticas, expondo estratégias políticas e suas escolhas no campo do anarquismo. Nestes jornais, exercitou uma escrita de combate ao capitalismo. Assinando como Pedro A. Motta, Pedro Móta, Ordep, Atom, Argos, Argus, Tupan, Vulcano ou Plutão, nossa personagem viveu uma vida de combate e, no mesmo passo, escreveu com *verbo de fogo* a poesia da luta social dos trabalhadores.

---

<sup>183</sup>*Voz do Graphico*, Fortaleza/CE, Ano I, Nº 4, 05 de fevereiro de 1921.

<sup>184</sup>A coluna é publicada ao longo do ano de 1921 no *Voz do Graphico*.

<sup>185</sup>*Apud* GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. (org.). *A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 2001.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE JONG, Rudolf. *A A.I.T. de Berlim. De 1922 à Revolução Espanhola*. In: História do Movimento Operário Revolucionário. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.
- GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge E. (org.). *A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- \_\_\_\_\_. (org.). *A Imprensa Libertária no Ceará (1908 – 1922)*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- GONÇALVES, Adelaide & BRUNO, Allyson. *Libertários: educação da solidariedade e educação da revolta*. Verve Nº 2 (outubro de 2002). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. São Paulo.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A classe operária no Brasil (1889-1930): documentos*, 2 vols. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária*. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livre, 1979.
- SAMIS, Alexandre. *Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil*. In: COLOMBO, Eduardo; et al. História do Movimento Operário Revolucionário. Tradução de Plínio Coelho. 1ª ed. São Paulo: Imaginário, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Anarquismo, “bolchevismo” e a crise do sindicalismo revolucionário*. In: ADDOR, Carlos Augusto e DEMINICIS, Rafael Borges (Organizadores). História do Anarquismo no Brasil – Volume 2. Achiamé: Rio de Janeiro, 2009.
- SILVA, Marcos J. D. *Lapidando a pedra bruta: a Maçonaria na organização de artistas e proletários cearenses*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2000.